

A DEMOCRACIA:
Um jornal operário
(Porto Alegre, 1905-1907)

Sílvia Regina Ferraz Petersen
Nauber Gavski da Silva

Porto Alegre: UFRGS, 2007.

Apoio: CNPq

AS ORIGENS D'A DEMOCRACIA

Na época da sua fundação, em 1º de maio de 1905, *A Democracia* era propriedade da empresa “Diamico & C.”, pertencente a Paulino Diamico, João Martinewski e Antônio Heit, também proprietários da Tipografia Internacional, editora da folha. Como redator, é nomeado Francisco Xavier da Costa, responsável pela grande maioria dos textos publicados até a extinção do jornal, provavelmente em agosto de 1907.

O principal redator e depois co-proprietário do *A Democracia*, Francisco Xavier da Costa, nasceu em Porto Alegre na década de 1870, filho mulato de um baiano e uma gaúcha. Originário de família pobre, precisou trabalhar aos onze anos devido à morte do pai, assumindo o papel de “homem da casa”. Na ocasião, conseguiu emprego em uma oficina de tipografia de proprietários de origem alemã, o que lhe possibilitaria o contato com o idioma germânico e ajuda a explicar as sessões dedicadas ao público operário desta etnia nas páginas da folha e possivelmente o eventual acesso de Costa a publicações socialistas neste idioma.

Assim, a tipografia, a litografia e a caricatura abriram as portas para a inserção de Xavier da Costa no nascente movimento operário gaúcho e ele ingressa na Sociedade Tipográfica em 1892. A partir de 1895, passa a colaborar na *Gazetinha* (jornal que divulgava as idéias dos socialistas de Porto Alegre na década de 1890) como ilustrador e chargista crítico da exploração patronal. Em 1895, é escolhido presidente da recém-fundada Liga Operária Internacional. Como aponta Benito Schmidt, “*possivelmente, foi na Liga que Xavier da Costa iniciou, de fato, sua trajetória de líder operário, passando a exercer influência sobre outras categorias profissionais. Talvez isso só tenha se tornado viável pelo fato de ele conhecer o idioma alemão, pois a sociedade congregava muitos trabalhadores teutos e teuto-brasileiros.*”⁸ Neste momento, nosso personagem se tornaria um dos principais defensores da implantação da jornada de trabalho de oito horas por dia.

No 1º de Maio de 1897, Xavier da Costa e seus companheiros publicam na imprensa local o “Manifesto e o Programa do Partido Socialista do Rio Grande do Sul” e constituem posteriormente a direção de tal partido. No ano seguinte, ele foi um dos organizadores do Primeiro Congresso Operário do Rio Grande do Sul, fortalecendo sua posição de líder no movimento operário e conseqüentemente se envolvendo em embates com outras lideranças.

Em 1900, o proprietário da *Gazetinha* e amigo de Xavier da Costa, Octaviano de Oliveira, encerra a publicação desta folha e passa a publicar *O Independente* (menos polêmico que a antecessora), contando com a colaboração daquele ao menos até 1908. Através deste periódico, é noticiada a sua participação na maçonaria, portanto também no anticlericalismo, embora nos anos 1930 se convertesse ao catolicismo, religião da sua esposa austríaca.

⁸ SCHMIDT, *Opus cit.*, p. 79.

O primeiro exemplar d'*A Democracia* surge no 1º de Maio de 1905, data que “assinalou, para os socialistas da capital gaúcha, a retomada da sua liderança junto aos trabalhadores organizados da cidade, depois de um certo refluxo no início do século determinado pelas disputas internas ocorridas após o Congresso de 1898.”⁹ Os militantes socialistas aproveitaram para publicar o programa do recém-criado Partido Operário Rio-grandense e iniciaram a campanha pelo alistamento eleitoral dos trabalhadores.

Três meses depois de seu lançamento, em agosto de 1905, a direção do jornal é alterada. Com uma nova faixa abaixo do título, é apresentado o mesmo redator, mas os proprietários passam a ser “Costa & Heit”, assumindo o cargo de gerente Antonio Heit. Através de um artigo de capa é anunciada a dissolução da empresa “Diamico & C.”, com a saída de Paulino Diamico e João Martinewski, que também se desligam da Tipografia Internacional, embora esta ainda permaneça editando o jornal. Até o número 33, último da primeira fase de existência, o jornal apresenta a epígrafe “Órgão Operário”.

A partir da sua segunda fase (fim de 1906 - início de 1907), *A Democracia* passa a ser editada pelo “Club Imprensa Operária” e redigida por uma comissão formada por Francisco Xavier da Costa (diretor), Wilhelm Koch, M. Pereira, G. Amtheur, F. da Silva Duarte e Julius Mark, sendo a administração confiada a Alberto Kruse (primeiro secretário da União dos Chapeleiros). Alguns desses companheiros tiveram destaque na militância socialista em Porto Alegre daqueles anos. Além disso, o endereço oficial do jornal que inicialmente aparecia como Rua Vigário José Ignácio, nº 48A, passa para a Rua Vasco Alves, nº 29 (sempre em Porto Alegre), onde estava a sede do Grêmio de Artes Gráficas e Correlatas (cujo presidente era o redator desta folha). De qualquer forma, também os endereços de vários agentes da folha são indicados na sessão “Expediente”, o que demonstra o envolvimento de muitos militantes na produção e divulgação do jornal.

Segundo João Batista Marçal, em agosto de 1907, a secretaria do jornal é assumida por Manoel P. Campos (a partir do número 60). *A Democracia* teria circulado até 1908, quando foi substituída pelo *Avante*. Todavia, não encontramos nenhum exemplar posterior a agosto de 1907.

Nesta nova fase, além de afirmar que o jornal era aberto a todos os operários que quisessem tratar de assuntos de interesse da classe, ocorre uma mudança periódica da epígrafe na capa das edições, como é descrito abaixo:

“Para que o trabalhador seja independente deve conquistar todo o produto do seu trabalho”.
(nº 34)

“Proletários de todo o mundo, uni-vos!” – Karl Marx. (nº 35)

⁹ *Idem*, p. 131.

“*Contra a opressão a rebelião é um direito!*” – Amilcare Cipriani. (n° 37)

“*Para que o trabalhador seja independente deve conquistar todo o produto do seu trabalho*”.
(n° 39)

“*Proletários de todo o mundo, uni-vos!*” e “*Todos por um e um por todos!*”. (n° 60).

Durante sua publicação, o semanário investiu na organização das diversas categorias de operários, estimulando a criação de entidades profissionais de resistência. Também aqui o prestígio de Xavier da Costa é notável, estabelecendo relações políticas e pessoais com diversos militantes, inclusive anarquistas.

Em outubro de 1906 estoura a primeira greve geral de Porto Alegre (e do RS), chamada “Greve dos 21 dias”, que entre outras demandas buscava a redução da jornada de trabalho para oito horas. Neste contexto, apesar da crescente influência anarquista no movimento operário, são os socialistas que conseguem liderar, através das figuras de Xavier da Costa e Carlos Araújo Cavaco (O Cavaco). Tendo como resultado a promessa patronal de implementação em média de uma jornada de nove horas, os operários se vêem obrigados a retomar as reuniões sobre o tema no final daquele ano e início de 1907, visto que os empresários não cumpriram o prometido. É também neste período que ressurgem *A Democracia*, em sua segunda fase, alertando os operários para o golpe patronal.

Em fevereiro de 1907 aparece em nossa folha todo o calor da polêmica entre socialistas e anarquistas que ocorria na militância de Porto Alegre, quando as gentilezas entre os dois grupos passam a ser substituídas por acusações, provocações e ataques à honra, exatamente logo após a primeira grande mobilização do movimento operário gaúcho. Em artigo intitulado “Organização”, *A Democracia* faz uma veemente defesa do socialismo como doutrina a ser seguida pela classe operária, alertando: “[...] *nada de extremos meios de luta quando não o exijam extremas necessidades*”¹⁰, advertência que provavelmente se referia às presumíveis ações diretas anarquistas. A partir do fim do mês, os argumentos de combate ao anarquismo na capital aparecem com uma face mais agressiva, sendo que praticamente todo o n° 45 (de 28/02/1907) é dedicado a este propósito. Alguns artigos da edição atacam a concepção anarquista de família, seus supostos violentos métodos de luta (“Os Dinamitistas”; “Mais uma dos ‘muckers’”) e terminam com ataques pessoais ao “*judeu*” José Rey Gil e ao “*pretensioso, petulante e mal criado Stefan Michalski*”, dois dos mais destacados militantes do grupo do periódico anarquista *A Luta*.¹¹ Por outro lado, no mesmo número são apresentadas várias defesas contra os ataques dos anarquistas publicados no referido periódico, o grande adversário do *A Democracia* no cenário da disputa ideológica entre os operários de Porto Alegre.

10 *A Democracia*. Porto Alegre, 7-2-1907, p. 1.

11 José Rey Gil era dirigente a União Operária Internacional e Stefan Michalski do Sindicato dos Marmoristas, em Porto Alegre.

Nesta segunda fase do semanário socialista, abundam os artigos que tratam desta polémica, que pautará também nos anos seguintes a disputa pela hegemonia doutrinária do movimento operário gaúcho.

Após ter mergulhado nas polémicas com os anarquistas, no início da década de 1910, Francisco Xavier da Costa se aproxima do PRR (Partido Republicano Rio-grandense, do presidente do Estado Borges de Medeiros), sendo eleito na chapa do intendente José Montauray como conselheiro municipal (cargo que ocupou entre 1912-1920 e 1928-1930), conseguindo ser o primeiro operário em tal cargo na capital. Todavia, se a eleição não significou o fim da atuação de Xavier da Costa junto ao operariado local (muito pelo contrário), ao menos implicou uma perda significativa da influência dos socialistas entre a classe durante o período, em benefício da ação dos anarquistas. Faleceu em 1934 deixando vários filhos.

ALGUNS DEBATES E TEMAS VEICULADOS N'A *DEMOCRACIA*

A Democracia cumpriu o papel que propunha sua epígrafe inicial: foi um “*órgão dos operários*” em todos os sentidos. Ao examinar os mais variados temas presentes em suas colunas, observamos a recorrência de notícias, crônicas, anúncios, avisos, manifestos etc., enfim, todos direcionados para os inúmeros interesses da classe operária gaúcha, mas sem perder de vista a dimensão internacional da luta operária:

Os capitalistas não tem pátria. Os capitais emigram, dão-se as mãos por cima das fronteiras, fazem ardente internacionalismo. Os seus interesses estão por toda a parte; o patriotismo não lhes importa... a não ser para enganar outros [conclamando aos operários porto-alegrenses para que fizessem o mesmo, pois] seus interesses estão igualmente por toda parte. O internacionalismo é a sua arma [...] “Proletários de todos os países uni-vos!” tal é o grito que significa o toque de reunir para a batalha decisiva.¹²

Assim, por ser um jornal que assumia o estatuto de “*órgão do Partido Operário*” e a defesa da participação política do operariado, como forma de conquista dos direitos que a sociedade capitalista lhe negava, não devemos estranhar a campanha que veiculou pelo alistamento eleitoral dos operários (nº 2 a 9), além das opiniões envolvendo as eleições estaduais (nº 56, 57) e federal (nº 63), bem como as polémicas travadas entre seus redatores e os porta-vozes das autoridades públicas. Dentre as mais vigorosas, destaca-se a série de artigos denunciando as atrocidades cometidas na Casa de Correção (cadeia pública) em Porto Alegre (nº 8 a 11, 20, 21), fruto das queixas dos presos a Francisco Xavier da Costa quando este visitara aquela instituição. Em outra contenda, o redator d'*A Democracia* debate pela imprensa com o diretor do jornal *A Federação* (*órgão do Partido Republicano Rio-grandense*), Octávio Rocha, “*burguês que é*” (nº 17, 18). Além disso, Xavier da Costa publicou “*cartas abertas*” ao intendente municipal, José Montauray, reivindicando melhores salários aos operários que trabalhavam para a administração pública. Posteriormente, uma série de crônicas tratando da varíola no estado é precedida por um artigo

¹² *A Democracia*. Porto Alegre, 21-7-1907. p. 3.

dirigido “À Inspetoria de Higiene”, alertando este órgão para a gravidade da situação da saúde pública no Rio Grande do Sul (nº 6 a 8, 11, 13 a 15, 25). Além do Poder Executivo, há diversos artigos pondo em questão a efetiva igualdade de tratamento dispensado pela Justiça às diversas classes sociais, merecendo destaque o caso do “crime de Viamão” (nº 9, 13, 16, 17), acerca do defloramento de duas jovens humildes por homens de elevada posição social.

Por outro lado, se o Estado era identificado como um dos responsáveis pelas condições de vida do operariado, não menor peso era conferido às práticas da burguesia local quando o assunto era a questão social. Desta forma, há inúmeras denúncias nas páginas d’*A Democracia* contra as “explorações patronais” nas fábricas, oficinas e curtumes do Rio Grande do Sul (nº 41, 52, 60 a 65). Neste sentido, são feitas denúncias que vão de acidentes de trabalho (nº 7, 8, 15) ao descumprimento de promessas patronais, como foi o caso da tentativa de não reduzir a jornada de trabalho para nove horas depois da greve geral de Porto Alegre em 1906.

A Democracia também discutia e divulgava outros temas que interessavam à classe leitora desta folha, como o problema das habitações para os operários (nº 18, 19, 54, 55, 60), a educação pública (nº 19, 25, 26, 35, 42, 48 a 51, 55, 58, 60, 62, 65) e a educação socialista através dos textos de C. Novel (nº 38, 40, 41, 43), os hinos operários e poemas/poesias (nº 10, 17, 19, 25, 30 a 32, 34, 35, 37, 50, 64), as diversões em clubes (nº 55, 56, 58, 63, 64), os festejos/protestos do 1º de Maio em edições especiais (nº 1, 2, 4, 51 a 56, 60, 61), as crônicas sobre a vida do operariado (nº 22, 23, 26, 30), a condição da mulher (nº 54 a 58), os anúncios de produtos destinados ao consumo da classe (em quase todos os números), a divulgação de empregos disponíveis na capital (nº 34, 35, 37 a 43, 45, 46), os folhetins com temas de interesse popular (de Máximo Gorki, *Os amassadores*; de E. Daudet, *Um drama da revolução*), as biografias (geralmente notas fúnebres) de militantes locais (Rodolpho Pflugrath) ou de reconhecimento mundial (Elyseu Réclus, Máximo Gorki), os textos dedicados ao público teuto (Deutsche Sektion; Deutsche Abteilung; Feuilleton), as notícias diversas na coluna “Várias” e os avisos destinados às entidades organizadoras da classe no estado.

Quanto ao noticiário internacional veiculado n’*A Democracia*, ele é muito escasso, e por isso mesmo merece destaque a publicação de um convite para que os gráficos locais participassem do Congresso Internacional Gráfico em Buenos Aires, em 1907.¹³ Talvez o convite se devesse a figura do próprio Xavier da Costa, gráfico, fundador do Grêmio das Artes Gráficas e Correlatas e diretor do semanário porto-alegrense.

13 *Idem*, 24-3-1907. p. 2; 7-4-1907. p. 2 e 12-8-1907. p. 2.

EDIÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E CIRCULAÇÃO

Como a maioria dos periódicos operários da época, *A Democracia* era editado em 4 páginas. Quanto ao seu formato, observamos duas variações: entre os números 1 e 5, ou seja, aproximadamente durante um mês, aparece medindo cerca de 36 x 26 cm, com 4 colunas de texto em cada página. Todavia, em seu primeiro número, os proprietários já declaram sua intenção de aumentar o jornal: “[...] *temos fé, entretanto, de que, ainda no decorrer do presente ano este pequeno jornal de hoje aumentará de tamanho e no ano seguinte passará a ser publicado mais vezes por semana e com material novo.*”¹⁴

Já a partir do seu sexto número e até a última edição localizada, o jornal aparece medindo cerca de 46 x 33 cm, com 5 colunas por página, aumentando, dessa forma, a quantidade de espaço dividido entre textos variados e anúncios publicitários. Neste sexto número, os editores comemoram o aumento das dimensões do jornal: “*e assim, [...] no curto espaço de tempo de um mês nos é possível apresentar este órgão como desejávamos apresentá-lo desde o primeiro número, em regular formato e variada leitura.*”¹⁵

Durante todo o Ano I do jornal, as assinaturas custavam 8\$000 por doze meses, 5\$000 por semestre ou 200 réis cada número avulso. Publicado aos domingos, aceitava “*anúncios e outras publicações pelo que se convencionar*”. Já a partir de sua segunda fase (Ano II, iniciado com o número 34 em dezembro de 1906), *A Democracia* aparecia ao público nas quintas-feiras, sendo vendida pelos mesmos valores do Ano I (com exceção da assinatura semestral que passou a custar 4\$000). Em ambas fases, exigia-se “*pagamento adiantado*”.

Sobre as assinaturas, esta nota é bastante expressiva para caracterizar a constante necessidade de recursos:

Aviso aos companheiros assinantes d' *A Democracia*, que, aos domingos o cobrador fará as devidas visitas, e caso os companheiros saiam de casa, peço deixarem a importância da assinatura em mão de qualquer pessoa, para evitar segunda visita, atendendo que o cobrador tem a cidade dividida em zonas e dias determinados. O Tesoureiro, Antonio Budzin.¹⁶

Além dos vários pontos de comercialização e das residências de militantes que também cumpriam esse papel, para ampliar o mais possível a circulação, os diretores d' *A Democracia* esclareciam a cada momento: “*As pessoas que, residentes em lugares onde ainda não tenhamos agentes, e queiram receber a folha, devem enviar a importância da assinatura, descontado o respectivo porte, em carta registrada, com valor declarado, e na volta do correio receberão o jornal.*”¹⁷

Um indicador da circulação da folha no Rio Grande do Sul é o quadro dos seus

14 *Idem*, 1-5-1905. p. 1.

15 *Idem*, 4-6-1905. p. 1.

16 *Idem*, 13-7-1907. p. 4.

17 *Idem*, 14-5-1905. p. 1.

representantes, que surge nas colunas a partir de agosto de 1905. Algumas cidades são listadas ao lado do nome do agente, tais como São Leopoldo, São João de Montenegro, Cachoeira, Guaporé, Bento Gonçalves, “*colônias italianas*”, Alegrete e Bagé (nº 15, 29). Em todo caso, como verificamos acompanhando a publicação do periódico durante seus dois anos e três meses de existência, há uma grande lacuna na sua distribuição entre janeiro e novembro de 1906, momento em que o jornal deixa de ser redigido. Se até o final de 1905 os editores se vangloriavam da boa receptividade que a folha obtivera entre a imprensa e o operariado em geral, “*esse apoio inicial foi diminuindo ao longo do ano e, em dezembro, os proprietários decidiram encerrar a publicação do A Democracia, pois a maior parte das assinaturas não estava sendo paga.*”¹⁸ Assim, o último número desta fase (nº 33, de 24-12-1905) apresenta na capa o artigo “*‘A Democracia’. Em retirada*”, e justifica: “[...] *esta folha, fundada e sustentada com sacrifícios por dois operários, fundada e sustentada unicamente para a defesa dos interesses da nossa classe – desaparece porque lhe falta auxílio do próprio elemento em prol da qual surgiu na arena*”. A gravidade da crise econômica do jornal fica estampada na nota presente no mesmo número: “[...] *aos raros fornecedores que pagaram suas assinaturas além de 1905 - e que são apenas dois, um em Cruz Alta e outro em S. Sebastião do Caí - remeteremos dentro de poucos dias o saldo que a seu favor acha-se em nosso favor*”.

O Ano II, inaugurado em 09-12-1906 com o exemplar do seu ressurgimento, apresenta uma efígie de Karl Marx dominando a capa, seguida por um longo artigo tratando da vida e obra do pensador alemão. O reaparecimento do jornal é noticiado como fruto dos esforços de “*meia dúzia de batalhadores insuspeitos e encorajados, de cujo número destaca-se o ardoroso lutador, o apóstolo da doutrina do socialismo – Francisco Xavier da Costa.*”¹⁹

Em todo caso, apesar do triunfo alcançado por seus colaboradores, que conseguiram recuperar um órgão da imprensa operária gaúcha que enfrentou sérias dificuldades financeiras em seu primeiro ano de existência, apenas dois meses após seu reaparecimento a folha é obrigada a explicar “*à classe operária [...] e ao público em geral*” os fatores que lhe empurraram rumo a uma nova crise.

Assim, além da denúncia de que “*indivíduos canalhas, dominados pela inveja, espalham o boato de que esta folha tem deixado de ser publicada com regularidade devido a estar endividada*” (provavelmente referindo-se aos anarquistas do jornal *A Luta*), os redatores tentam explicar os motivos das dificuldades encontradas nas últimas semanas:

Circunstâncias [...] de momento, dentre as quais salientam-se as obrigações profissionais de que tiram os meios de subsistência os redatores e administradores desta folha, têm resultado irregularidade na publicação dela, nas duas últimas semanas.
Assim é que, o número passado deste órgão apareceu com atraso e o mesmo sucede com o presente, apesar dos esforços que temos praticado para evitá-lo

.....

18 SCHMIDT, *Opus cit.*, p. 142.

19 *A Democracia*. Porto Alegre, 9-12-1906. p. 3.

Demais, o fato de não possuímos oficinas tipográficas próprias muito e muito influi no sentido de não ser dada à estampa tal qual desejamos o nosso órgão.²⁰

Desse modo, as crises financeiras enfrentadas pelo jornal ou mesmo as dificuldades pessoais daqueles trabalhadores que se propunham publicar folhas para a classe operária, fizeram com que *A Democracia* não escapasse à tendência freqüente das publicações dedicadas a este público específico: crise financeira, apelo aos apoiadores, campanhas para arrecadação de fundos, quando não agregavam a estas circunstâncias a invasão de suas redações pela polícia ou o recolhimento de edições inteiras, com os prejuízos fáceis de aquilatar. Em todo caso, nos últimos números consultados, não localizamos nenhuma referência que indicasse o fim ou suspensão temporária da publicação do jornal.

Apesar das dificuldades que *A Democracia* enfrentou, um indicativo de sua importância é o grande número de publicações, das mais variadas tendências, que sua redação recebeu ou teve conhecimento e divulgou entre os anos de 1905 e 1907: *Almanach Illustrado das Famílias Catholicas Brasileiras*, Niterói; *O Tupá*, revista e órgão da Oficina de Letras; *Gazeta de Alegrete*, Alegrete; *Gazetinha*, Fortaleza; *23 de Agosto*, Tupanciretã; *O Proletario*, Rio Grande; *Leituras Catholicas*, Niterói; *Bases do Syndicalismo*, de Emilio Pouget (ofertado pelo semanário *A Luta*); *Democrata*, Cruz Alta; *O Popular*, Santa Maria; *Operários*, Porto Alegre; *Folheto de C. Cavaco* “cuja tese é a descrição da vida operária nas fábricas desta capital”; *O Bogari*, Minas Gerais; *O Artista* do Bonfim, Bahia; *O Rio Grandense*, Vacaria; *Correio do Município*, São Leopoldo; *Carapuça*, Porto Alegre; *O Progresso*, São João do Montenegro; *O Exemplo*, Porto Alegre; *Gaspar Martins*, Santa Maria; *O Commercio*, Cachoeira; *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro; *Opinião Publica*, Pelotas; *Cosmopolita*, Caxias do Sul; *O Estado*, Santa Maria; *Jornal do Commercio*, Porto Alegre; *Correio do Povo*, Porto Alegre; *Escrinio*, Porto Alegre, órgão feminista; *A Lanterna*, Santa Cruz; *O Guarany*, São João do Montenegro; *A Ordem*, Itaqui; *Cruz-Alta*, Cruz Alta; *O Viajante*, Santa Maria; *O Guarany*, São João do Montenegro; *American Medicine*; *A Reforma*, órgão do Partido Federalista, RGS; *Labaro*, órgão oficial da Maçonaria do RGS; *Correio do Povo*, Florianópolis; *Jornal do Commercio*, Manaus; *Diario do Povo* [?]; *Gazeta do Commercio* [?]; *O Independente*, Porto Alegre; *El Comercio*, Buenos Aires; *A Justiça* [?]; *Taquaryense*, Taquari; *O Gury*, Montenegro; *Gazeta do Alegrete*, Alegrete; *A Voz do Povo*, Uruguiana; *A Lanterna*, Santa Cruz; *O Estado*, Santa Maria; *O Resistente*, São João d'El Rey, Minas Gerais; *Quarahy*, Quarahy; *Rio Grandenser Vaterland*, Porto Alegre; *Boletim do Pão de Santo Antonio*, Niterói [?]; *Gazeta de Alegrete*, Alegrete; *Petit-Journal*, Porto Alegre; *Independente*, Alegrete; *A Federação*, Porto Alegre; *Mercantil*, Porto Alegre; *Gazeta de Porto Alegre*; *Koseritz-Zeitung*, Porto Alegre; *Reforma*, Porto Alegre [?]; *Século*, Porto Alegre [?]; *Gazeta do Commercio*, Porto Alegre; *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro; *A Luta*, semanário anarquista, Porto Alegre; *O Operário*, Jacareí, São Paulo; *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro; *O Progresso*, Montenegro; *Gazeta do Commercio*, Porto Alegre; *Correio do Município*, São Leopoldo; *O Operario*, Cedro, Minas Gerais; *Correio da*

²⁰ *Idem*, 14-2-1907. p. 1.

Manhã, Rio de Janeiro; *Commerce*, EUA; *El Progreso*, Barcelona; *Testemunho*, Porto Alegre; *Jornal do Estado*, Porto Alegre; *Nova Aurora*, Porto Alegre [?]; *Cavador*, Porto Alegre; *Avanti*, São Paulo; *A Vanguarda*, Porto Alegre; *Echo do Sul*, Rio Grande; *Pau Bate*, Porto Alegre; *Opinião Pública*, Pelotas; *Tempo*, Rio Grande; *O Debate*, Porto Alegre; *O Baluarte*, Rio de Janeiro; *O Maragato*, Rivera; *A Nação*, Uruguaiana; *El Obrero Gráfico*, Buenos Aires. (As informações acima foram transcritas literalmente d'*A Democracia*).

Depois desta breve apresentação do jornal, e para concluir, é no mínimo um dever de justiça agradecer a todos que contribuíram para este trabalho. Especialmente a João Batista Marçal, Tiago Bernardon de Oliveira, Gabriel Hartung Lovato, aos funcionários do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velinho, do Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa e do Núcleo de Pesquisa em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NAUBER GAVSKI DA SILVA